

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Os crimes da geração que precedeu o dilúvio

Durante as dez gerações que se seguiram a Adam e Chava, a Terra se encheu de gente. Embora a humanidade não vivesse mais no *Gan Eden* (Paraíso), seu estilo de vida antes do dilúvio parecia-se muito com o que tinha lá.

A vida era boa. De fato, boa demais. Era uma vida de serenidade e alegria ininterruptas.

Contudo, como resultado desses benefícios, desafiaram e rejeitaram a autoridade de *Hashem* e começaram a rezar para o Sol e a Lua e para imagens de madeira e pedra. Pensavam: "Para que necessitamos de D'us? Nem ao menos pedimos Sua ajuda para obter água, pois não necessitamos de chuvas. Temos abundantes reservatórios de água de diferentes procedências, fontes e mananciais; temos as correntes e poços da terra!" *Hashem* respondeu: "É com a mesma benesse que lhes concedi que se rebelam contra Mim? Eu os punirei com a mesma substância, águas da chuva, e portanto (*Bereshit* 6:17): 'E veja, trarei o dilúvio das águas.'"

Hashem poderia ter castigado imediatamente os pecadores, mas não o fez. Aguardou porque ainda tinha esperança que se arrependessem da adoração aos ídolos, renunciassem a isto e servissem só a Ele. Porém, as pessoas não melhoraram; ao contrário, cada geração pensava em novos ídolos e novas maneiras de servi-los. Disseram a *Hashem*: "Afastem-se de nós, pois não desejamos o conhecimento de Seus caminhos. Quem é o Todo Poderoso, que tenhamos de servi-Lo? Por que devemos orar a Ele?" Eles fortaleceram sua independência de *Hashem* adquirindo experiência em feitiçaria.

As pessoas que viviam na décima geração após Adam eram as piores de todas. Além de servir aos ídolos, o seu comportamento imoral os rebaixou de tal modo que agiam mais como animais que como pessoas. E, ainda pior, roubavam os haveres uns dos outros, a torto e direito. Não se importavam absolutamente com a propriedade alheia. Às vezes, praticavam os roubos secretamente mas também roubavam abertamente, em público. (Não fazia diferença, porque se fossem levados ao tribunal, provavelmente o juiz e as testemunhas também seriam vigaristas e ladrões e não puniriam o culpado).

Se uma pessoa era forte, oprimia e roubava os mais fracos. Se alguém queria casar com uma moça, um homem mais forte vinha e dizia: "Eu vou tê-la antes." Até mesmo os animais imitavam seus comportamentos corruptos. O cão se associava com o lobo e o galo com o pato.

As pessoas gritavam: "Fui injustiçado; Fui roubado." Todos se queixavam de que tinham sido roubados, mas não diziam que também eram culpados por terem roubado outros!

Quais eram os hábitos da geração do dilúvio? Se um homem saía com uma cesta de ervilhas, logo seria rodeado por uma turba que o surrupiaria. Cada um, astutamente, pegaria uma pequena quantidade, de valor menor que uma *perutá* (pequena moeda, com valor equivalente, hoje, a cerca de R\$ 0,50). A cesta do homem rapidamente se esvaziava. Contudo, a vítima não conseguia apresentar queixa a um juiz, pois cada cúmplice poderia alegar que roubara uma quantidade tão diminuta que, por lei, não era passível de pena.

Entre as práticas daquela geração incluía-se mudar os limites das terras do vizinho, para aumentar a própria fazenda. Roubavam carneiros uns dos outros. Se alguém visse um boi ou burro nas mãos de um órfão ou viúva indefesos, tomava-lhe o animal. As pessoas, com medo de que as roupas fossem roubadas de seus corpos, decidiram que era mais seguro andarem nuas.

Hashem disse: "A acusação de sua roubalheira chegou a Mim, portanto, não posso mais adiar sua punição!"

D'us teria continuado a exercer Sua paciência e controle, não fosse pelo crime adicional de roubo. O roubo mina as bases da civilização. É de senso comum que a propriedade de uma pessoa não deve ser roubada.

Nôach, o homem que se opôs ao espírito de seu tempo, é um *tsadic* em sua época

Metushelach, filho de Chanoch, seguia os passos do pai, fazendo o que era correto aos olhos de *Hashem*. Nessa época, Metushelach casou seu filho Lêmech e, no devido tempo, um filho nasceu. Metushelach deu-lhe o nome de Nôach, embora o pai da criança e o restante da geração o chamassem de Menachem (aquele que consola), dizendo: "Se os maus abandonarem seus hábitos pecaminosos e retornarem a *Hashem* enquanto ele viver, ele será o seu consolo."

Quando Nôach nasceu, uma bênção veio ao mundo. As pessoas agora colhiam o que haviam plantado, e não como na geração anterior, quando semeavam trigo e colhiam apenas espinhos e cardos.

Até Nôach nascer, os dedos das pessoas eram unidos, como uma palmoura, mas os pais de Nôach perceberam que seu filho nascera com dedos separados e ficaram muito surpresos.

Quando Nôach cresceu e notou ele mesmo esta diferença, pensou: "Deve haver alguma razão para *Hashem* ter criado minhas mãos assim. Vou experimentar a minha mão no trabalho." Nôach inventou ferramentas de ceifar, introduzindo uma nova era na agricultura. Além disto, em sua geração, os animais ficaram novamente subordinados à vontade e ao poder do homem, como haviam sido na época de Adam, antes do pecado. Os homens podiam novamente domesticar animais para trabalhar, puxar o arado e exercer atividades agrícolas. No tempo de Lêmech houvera uma grande fome. Quando Nôach nasceu, porém, os anos de seca terminaram.

Cem anos antes do dilúvio, quando Nôach tinha 498 anos, *Hashem* ordenou-lhe que se casasse. Sua mulher chamava-se Naamá. Seu nome, Naamá, significa que seus atos eram agradáveis. Estes eram os únicos indivíduos daquela geração que faziam o que era justo e correto aos olhos de *Hashem*.

Nôach teve três filhos, Shem, Cham e Yefet. Eles também seguiram os caminhos de *Hashem*. D'us só lhe deu três filhos porque disse: "Se ele tivesse muitos filhos e fossem todos justos, Eu não iria querer sobrecarregá-lo com a construção de uma arca grande demais. Se fossem perversos, porém, Eu não iria querer afligir o *tsadic* pela perda de muitos filhos no dilúvio."

Quando Nôach viu que todos seus vizinhos eram corruptos, raciocinou: "Se eu ficar perto deles, podem me influenciar a ser perverso também." Então Nôach decidiu morar num local oculto. Só ele e sua família conheciam a localização.

Nôach passava o tempo estudando livros sagrados. Possuía o livro que os anjos tinham escrito para Adam e um outro livro sagrado que recebera de seu bisavô, Chanoch. Destes livros, Nôach aprendeu como rezar e servir a *Hashem*.

Nôach foi um homem extraordinário, um *tsadic* cuja virtude sustentava o mundo inteiro.

Isto deve ser considerado literalmente. Se não fosse por Nôach, o mundo teria sido aniquilado. O seguinte versículo se aplica a Nôach (*Tehilim* 1:1): "Bem-aventurado é o homem que não andou segundo o conselho dos perversos, e não se postou no caminho dos pecadores, e em rodas de zombadores não se sentou."

A despeito da leniência na conduta moral e ética, sua própria folha corrida era impecável. Não se permitiu influenciar-se por seus pares. Submeteu-se à humilhação de ser ridicularizado pelas gerações durante as quais viveu, e permaneceu firme e dedicado em seu serviço a *Hashem*.

A *Torá* descreve Nôach como um *tsadic* (*Bereshit* 5:9) "perfeito em suas gerações". Quais as implicações deste acréscimo? Isto nos ensina que Nôach era virtuoso apenas em relação à sua própria geração. Se tivesse vivido na época de Moshê ou Shemuel, seria considerado grande. "Em terra de cego quem tem um olho é rei."

Um homem possuía uma adega. Certo dia, desceu para escolher um vinho e percebeu que o vinho se transformara em vinagre. "Caramba!" exclamou, abrindo um barril após o outro, vendo que todos tinham azedado. "Nenhum está bom." Finalmente, destampou um barril e viu que estava só meio azedo. "Este está ótimo," exclamou. "Comparado ao resto, este pode ser chamado de bom."

Assim, Nôach é denominado de *tsadic*, comparado à sua perversa geração.

Não obstante, de acordo com outro ponto de vista, o versículo acima citado é em louvor a Nôach, implicando que se ele conseguiu manter sua virtude mesmo num ambiente imoral, teria sido maior ainda se tivesse vivido na época de Moshê ou Shemuel (aprendendo de seus exemplos).

Porque *Hashem* enviou uma inundação (*mabul*) como castigo

Enquanto Nôach se elevava e crescia em santidade, o mundo lá fora tornava-se mais depravado, afundando cada vez mais até que não mais merecia existir. *Hashem* revelou a Nôach:

"Até agora, fui paciente. Esperei que esta gente perversa melhorasse sua conduta, mas é inútil. Estão sempre pensando em como cometer atos piores. Mesmo à noite, enquanto estão deitados em suas camas, fazem planos para praticar maldades no dia seguinte. Portanto, vou destruí-los, junto com os animais, pássaros, árvores, a relva e até mesmo o solo. Cobrirei o mundo com uma terrível inundação. Destruirá tudo sob o firmamento. Mas você, Nôach, e sua família, serão poupados."

Hashem poderia ter destruído o mundo enviando, em vez da inundação, uma peste, animais selvagens, um incêndio ou ainda qualquer outra força destrutiva.

Por que, de todos os outros possíveis castigos, Ele escolheu uma inundação?

Uma das respostas é explicada por uma parábola.

O rei e as pessoas mudas

O rei estava de bom humor. Anunciou ao seu ministro:

“Desejo alegrar algumas pessoas desafortunadas. Convide ao meu palácio um grupo de pessoas pobres e mudas. Trate-as generosamente! Dê-lhes comida requintada e vista-os lindamente.”

Os mudos foram convidados e todos passaram um tempo muito agradável. Jamais sonharam haver no mundo coisas tão prazerosas. Sua gratidão para com o rei não tinha limites. As infelizes criaturas não podiam falar, mas quando o rei passava, todos se levantavam, acenando e mostrando, por sinais, o quanto apreciavam o que estava fazendo por elas. Pela manhã, ao se levantarem, louvavam o rei na linguagem dos sinais.

“Este grupo de pessoas mudas desfrutou de uma longa e agradável estadia em meu palácio. Despeça-os agora e convide em seu lugar um grupo de mendigos que falem. Eles louvarão meus atos nobres com palavras e não apenas com gestos e me sentirei ainda mais honrado.”

Então, um grupo de pessoas pobres e falantes foi convidado ao palácio e tratado com deleites como nunca haviam conhecido. Os mendigos estavam tão ocupados em divertir-se que esqueceram do rei a quem deviam sua boa sorte. Nenhum deles disse uma palavra sequer de agradecimento e, quando o rei passava por eles, ignoravam-no. Logo, os mendigos esperavam suas comodidades e exigiam prazeres como se lhes coubessem por direito. Certo dia, decidiram se apoderar do palácio e depor o rei. Enfurecido, este chamou o ministro:

“Expulse estes mendigos de meu palácio”, ordenou ele. “Faria melhor convidando novamente os mudos; eles não podiam expressar sua gratidão com palavras, mas me honravam da melhor maneira possível. Estas pessoas falantes, porém, que poderiam me trazer tanta glória com seu poder da fala, revoltam-se contra mim!” A ordem do rei foi cumprida.

Quando *Hashem* criou o mundo, encheu-o com água. A água não podia louvar *Hashem* com palavras, mas rugia e fazia rolar suas ondas ruidosamente, proclamando: “Como *Hashem* é poderoso!” *Hashem* disse:

“Se até a água canta Meus louvores, imagine o que farão os seres humanos que podem pensar e falar!”

Então *Hashem* removeu a água para os oceanos. Na terra seca, criou seres humanos dotados de inteligência. Porém, ao invés de louvar a *Hashem*, eles se revoltaram contra Ele, cometendo pecados. Em vez de usar o cérebro e a fala para objetivos positivos, tramavam atos maus, difamavam, insultavam e injustiçavam-se uns aos outros. Todas as gerações depois de Adam eram igualmente perversas. *Hashem* viu seus atos se tornarem cada vez piores e disse:

“Vou livrar-Me desta gente e trazer de volta a água que estava na terra no início. A água não pode pensar e nem falar, mas louva-Me, enquanto as pessoas Me aborrecem!”

Por esta razão, *Hashem* trouxe o dilúvio e eliminou os perversos.

Nôach constrói a arca (*tevá*)

Hashem havia falado para Nôach sobre um poderoso dilúvio universal. Mas *Hashem* também assegurou a Nôach que ele e sua família estariam a salvo. Onde achariam eles um local seguro, intocado pelas águas? Nôach ouviu a resposta na ordem de *Hashem*:

“Construa para você uma arca de madeira (*tevá*). Ela flutuará sobre as águas.”

Nesta arca especial, Nôach e sua família sobreviveriam à terrível inundação sob a proteção de *Hashem*. Esta arca única foi construída por Nôach de acordo com as instruções de *Hashem*:

“Construa a arca com trezentos *amot* (cerca de 180 metros) de comprimento, cinqüenta *amot* (cerca de 30 metros) de largura e trinta *amot* (18 metros) de altura. Ela deve ter três andares e conter trezentos compartimentos diferentes (segundo a opinião de alguns dos nossos sábios, 900 compartimentos). Ponha uma janela para entrar claridade e construa o telhado inclinado para que a água escorra. Depois que estiver pronta, passe piche por dentro e por fora para evitar que a água entre pelas fendas.”

Podemos imaginar quão difícil foi construir um barco tão grande. Nôach não tinha serra elétrica nem brocas; teve que construir a arca manualmente. Nôach demorou cento e vinte anos para terminar a arca.

Com certeza *Hashem* poderia ter salvo Nôach de maneiras mais fáceis que construindo uma arca. Por que, então, Ele conferiu-lhe esta complicada tarefa?

Era precisamente o que *Hashem* queria! *Hashem* não destrói sem aviso nem mesmo os perversos e sempre lhes dá oportunidade de fazer *teshuvá*. Ele esperava que, durante estes cento e vinte anos, a notícia que Nôach estava construindo uma arca se espalhasse por toda parte. Deste modo, o medo de morrer com a inundação faria com que as pessoas corrigissem sua conduta errada.

Os elaborados preparativos necessários para a construção da arca atraíram a atenção mundial.

As pessoas ouviram falar que um grande barco estava sendo construído por um homem.

“Por que você está construindo este barco?” perguntavam para Nôach.

“Para me salvar do enorme dilúvio que *Hashem* vai mandar sobre a terra”, Nôach explicava. “Ele exterminará todos vocês por causa de seus pecados.”

As pessoas levaram a sério as palavras de Nôach? Nem um pouco. Suas vozes ribombavam com risos enquanto zombavam das palavras de Nôach e reagiam com uma maldição: "Se houver um dilúvio, que este recaia sobre sua própria casa!"

A construção da arca serviu de advertência não apenas aos perversos, mas também foi necessária para purificar o próprio Nôach. Ao cumprir a *mitsvá* que *Hashem* lhe deu, de construir a arca a despeito da zombaria de todos, Nôach tornou-se mais elevado espiritualmente.

"Quem se importa?" gritavam eles. "Somos fortes, não tememos um dilúvio. Podemos subir nas árvores e nos telhados. Mesmo se as águas lá chegarem, seremos mais altos do que a inundação, porque somos gigantes." De fato, as pessoas que viviam naquela época eram enormes, como na próxima história que vamos contar.

Dois sábios, *Rabi Chiyá* e *Rabi Yehudá*, estavam passando por altas montanhas, entre as quais acharam ossos gigantescos.

"Estes ossos são restos mortais da geração do dilúvio," disseram eles. "Vamos medi-los."

Cada osso era tão comprido que tinham que dar três passos para ir de um extremo a outro!

"Agora compreendemos porque os contemporâneos de Nôach não tinham medo do dilúvio!" exclamaram.

"Eram verdadeiros gigantes! Acreditavam que nenhuma inundação poderia ser tão grande que pudesse afogá-los e achavam que evitariam que os poços profundos vertessem água apenas pisando sobre eles. Não é de admirar que tivessem certeza de sobreviver à maior das inundações."

Quando *Hashem* anunciou: "Você será salvo numa arca," Nôach deveria ter implorado ao Todo Poderoso que fosse misericordioso e poupasse o mundo. Nôach, porém, não aproveitou a oportunidade de intervir em favor de seus semelhantes, os seres humanos. Foi diferente de Moshê que, assim que ouviu o decreto de *Hashem* (*Shemot* 32:10) "E agora, deixe-Me só, e Eu os destruirei e farei de você uma grande nação," replicou: "Como posso me esquecer do povo judeu em favor de meu benefício pessoal?" Ele rezou até que *Hashem* perdoou *Benê Yisrael*, enquanto que Nôach falhou em não orar por sua geração.

***Hashem* ordena a Nôach para trazer os animais para a arca e entrar com sua família**

O som das marteladas enchia o ar. Para Nôach, não era um som feliz, pois ele sabia que a cada martelada, a destruição de sua geração se aproximava. Se ao menos lhe dessem ouvidos! Mas os avisos de Nôach eram recebidos com risadas e palavras duras. Muitos até o chamavam de "velho bobo". Mas o martelo de Nôach não parava de bater, não deixava que insultos o desencorajassem. Continuou construindo até que o último prego estivesse no lugar.

Finalmente, a arca ficou pronta. Apesar de *Hashem* estar satisfeito por Nôach ter cumprido Sua ordem, estava infeliz por ter de destruir a Sua criação. *Hashem* disse:

"Estou muito triste por ser forçado a destruir o lindo mundo que criei em sete dias."

Como um rei que construiu um magnífico palácio só para ter de destruí-lo depois, *Hashem* se sentia infeliz por ter de destruir Sua criação. Ele ordenou a Nôach:

"Traga para a arca um macho e uma fêmea de cada animal não-*casher* e sete pares de cada espécie *casher*. Traga também suprimento de comida para um ano, para você e os animais."

Aprendemos daqui que a pessoa deve evitar linguagem vulgar:

Ao falar com Nôach, *Hashem* não lhe disse: "De todo animal impuro pegue dois," mas a *Torá* declara (*Bereshit* 7:2) "e dos animais que não são puros", evitando o termo impuro.

Isto é uma lição para que a pessoa sempre se expresse de maneira refinada, evitando expressões vulgares.

Nôach hesitou: "Nunca fui um caçador. Não sei como capturar inúmeros animais para levá-los à arca."

Hashem respondeu: "Eu conduzirei os animais, as bestas e as aves à sua arca. Você ficará na entrada e observará que os animais se ajoelham a sua frente. Esses animais entrarão na arca com você. Os animais que permanecerem por lá e não se ajoelharem ficarão fora. Este será o seu sinal."

Hashem acrescentou: "Estabelecerei Minha aliança com você, para impedir a deterioração dos alimentos e provisões que levará para a arca. A aliança também o protegerá dos perversos da geração, que não conseguirão prejudicá-lo ou feri-lo, tampouco impedi-lo de entrar na arca, a despeito de sua força superior!"

Os 120 anos inteiros concedidos à geração do dilúvio numa tentativa de abandonarem seu mau comportamento passaram sem qualquer efeito perceptível. Finalmente, *Hashem* concedeu-lhes a oportunidade de mais sete dias para reconstruírem seus caminhos.

Durante os últimos sete dias antes do dilúvio, Nôach estava muito ocupado juntando os animais puros. Estavam destinados a se tornar sacrifícios, e o esforço de Nôach em capturá-los (ao invés de virem à arca por vontade própria) ativaria a *mitsvá* de oferecer *corbanot* (oferendas).

A arca não permitia que qualquer animal entrasse. Rejeitava os que se corromperam. Apenas os livres de pecado poderiam ser admitidos.

Havia outro passageiro especial que fora admitido na arca, o gigante Og.

Esse mereceu sobreviver pois, no futuro, estaria a serviço de Avraham.

Og jurou a Nôach e seus filhos que seria seu escravo para sempre. Assim sendo, Nôach permitiu-lhe permanecer do lado de fora da arca, numa espécie de plataforma coberta por um abrigo. Nôach fez um buraco naquela altura do casco, e através desse passava comida a Og todos os dias.

O dilúvio

A 17 de *Cheshvan* de 1656 a chuva começou a cair. A princípio, as gotas caíam gentilmente. Se o povo tivesse levado esta advertência a sério, a chuva poderia ter se transformado numa chuva prazerosa e abençoada.

Hashem ordenou a Nôach e sua família: "Entrem na arca."

Nôach não acreditava que *Hashem* realmente cumpriria Seu decreto. Pensava que *Hashem* ainda demonstraria misericórdia; assim, esperou do lado de fora da arca, até que a água atingiu seus calcanhares. Nossos Sábios chamam Nôach de "crente que não acredita".

A chuva era cada vez mais forte. Os oceanos, rios e lagos transbordaram até que a terra ficou inundada. *Hashem* fez brotarem fontes quentes das profundezas da terra, partindo a crosta e jorrando água fervendo.

A água começou a subir cada vez mais. As pessoas compreenderam que as advertências de Nôach eram verdadeiras; subiram nos telhados e nas copas das árvores, mas as águas aumentavam cada vez mais. Muitos gigantes correram para escalar as montanhas. Mas as águas subiam mais e mais até cobrirem o topo das montanhas mais altas.

Algumas pessoas gritaram: "Vamos fugir para a arca para nos salvar!"

Mas, milagrosamente, *Hashem* fez com que seus pés ficassem presos na água. Quanto mais tentavam se mover para a frente, não conseguiam sair do mesmo lugar.

Alguns dos homens perversos gritavam: "Vamos virar a arca! Por que Nôach tem de se salvar?"

Mas, ao se aproximarem da arca, tiveram uma visão assustadora: uma bando de leões rugindo estava ao redor da arca, para devorar quem chegasse perto. *Hashem* milagrosamente protegeu Nôach e sua família.

A chuva destruiu todos os seres vivos, homens e animais fora da arca. (Os peixes foram uma exceção, pois permaneceram vivos).

Nôach e sua família cuidam dos animais na arca

Durante os doze meses que durou o dilúvio, os planetas não funcionaram conforme as leis do universo. Por isso, os habitantes da arca não podiam saber se era dia ou noite pelo sol ou lua. Apenas as pedras preciosas que Nôach pendurou na arca próximo à janela serviam para indicar o tempo. Quando brilhavam, refletindo a luz exterior, os habitantes da arca sabiam que era dia; quando ficavam mais opacas e apagadas, era noite.

Não é verdade que Nôach e sua família viviam confortavelmente e bem acomodados na arca enquanto o resto do mundo sofria lá fora. Eles tinham que alimentar milhares de animais que levavam na arca.

Tão logo Nôach adormecia, exausto após um dia de trabalho duro cuidando dos animais, era acordado por um grito estridente ou o rugido de um animal faminto. Num instante, Nôach arrastava seus membros cansados para fora da cama e começava a trabalhar, pois sabia que os animais dependiam dele para obter comida.

Seus filhos – Shem, Cham e Yefet – também passavam a noite acordados, os olhos vermelhos pela falta de sono, pois também sentiam a responsabilidade de cuidar constantemente dos animais. Noite após noite, Nôach e sua família se privavam do sono para atender aos chamados dos animais. Durante o dia também não era possível ter algumas horas de sossego, pois os zurros, latidos, rugidos e gorjeios não cessavam.

Hashem não permitiu que nenhum animal selvagem da arca fizesse mal a Nôach ou a sua família. Todos os animais selvagens da arca se portavam como se fossem mansos. Muitas vezes, Nôach pisava em cobras ou escorpiões, mas nunca foi picado. Apenas uma vez, Nôach estava atrasado com a comida do leão e este lhe deu uma forte patada na perna e Nôach saiu sangrando e mancando.

Havia um animal chamado *zikit* que recusava qualquer comida que Nôach oferecesse. Nôach não sabia como esse sobreviveria. Uma vez, enquanto estava cortando romãs, um verme caiu. Imediatamente, o *zikit* abriu a boca e engoliu-o. Nôach descobriu então do que este necessitava, e providenciou para que houvesse sempre um suprimento de minhocas disponível.

Certa vez, Nôach percebeu que negligenciara um pássaro chamado *chul*, que sentava quieto na gaiola, numa ala interna da arca: "Você não precisa de comida?" perguntou-lhe Nôach. "Não tenho coragem de atrapalhá-lo", respondeu o pássaro. "Vi o quanto estava ocupado, e decidi que não lhe causaria ainda mais trabalho!" "Que minha bênção repouse sobre você! Desejo que você viva para sempre!" exclamou Nôach.

Nôach e sua família também sofriam com o cheiro dos animais, que era forte e desagradável; entrava por suas narinas, irritando a garganta. Enquanto Nôach permaneceu na arca, rezou continuamente (*Tehilim* 142:8) "Liberte-me da prisão – pois minha alma está cansada do odor de leões, ursos e panteras!"

Além disso, ouviam o terrível estrondo das ondas furiosas do lado de fora da janela. Estavam assustados e seus corações paralisados de medo. Rezavam sem parar, suplicando a *Hashem* que os protegesse.

Qual era o propósito de *Hashem* ao confiar a Nôach e sua família a tarefa de manter os animais vivos? Por trabalharem tão intensamente tratando dos animais e rezarem o tempo todo, Nôach e seus filhos se tornaram *tsadikim* ainda maiores. Agora realmente mereciam ser salvos. Mais ainda, a destruição do mundo devia-se ao roubo motivado por egoísmo. Para serem os construtores do novo mundo, Nôach e a família precisavam cultivar os traços opostos; *chêssed* (bondade) generosidade e misericórdia; doando-se de maneira altruísta.

Nôach envia o corvo e a pomba

Choveu forte e pesadamente por quarenta dias. As gotas não se constituíam apenas de água, mas também de fogo. Além das gotas das alturas, todos os poços e fontes da terra abriram-se e emanaram água fervendo. Os gigantes da geração do dilúvio acreditaram que poderiam impedir os poços de transbordar simplesmente pisando neles, mas a água era tão quente que o plano falhou.

As águas atingiram quinze *amot* (7,5m) por sobre o topo das maiores montanhas, pois a geração desafiara: "Somos gigantes de 7,5m de altura, e se houver um dilúvio, ficaremos de pé sobre o topo das montanhas e estaremos seguros!" Ora, o nível da água ficara acima de suas cabeças, e se afogaram.

Apenas os peixes sobreviveram, porque não pecaram como as outras criaturas

Após quarenta dias, a chuva parou. Porém, as águas das profundezas continuavam a fluir e inundar a terra e a água ainda cobria os picos das altas montanhas. A arca flutuou nas águas ascendentes, balançando violentamente de um lado a outro, até que ameaçou quebrar. Os animais dentro dela ficaram aterrorizados, e ergueram as vozes: coiotes uivaram, leões rugiram, aves guincharam de pavor. Até mesmo Nôach e seus filhos choraram e clamaram a *Hashem* que os salvasse.

Após cento e cinquenta dias do início das chuvas, *Hashem* se lembrou do mérito de Nôach, de ter sustentado os animais na arca. Ouviu as preces de todas essas criaturas, e Sua misericórdia foi despertada, fechou as fontes da terra e fez passar um vento calmante pelo mundo. As águas começaram a baixar.

Em lembrança ao dilúvio, apenas três fontes de água quentes continuaram a fluir. Uma delas é a conhecida e notória fonte de águas quentes em Tiberíades, em *Êrets Yisrael*.

Devagar, as águas começaram a baixar até que os topos das montanhas puderam novamente ser vistos. Então, Nôach louvou *Hashem* e disse: "Abençoado seja *Hashem* que deu Sua sabedoria aos Seus fiéis. Abençoado seja Aquele que salvou a vida de Seus seguidores e que protege os que buscam abrigo à Sua sombra. Abençoado Aquele que concede a Seus servos sabedoria e entendimento para se comunicarem com as pessoas e com os animais, do animal à besta e aos seres rastejantes, e até aos peixes, e que exhibe Seu poder e Sua força, que enchem a terra inteira."

A arca deixou de flutuar e parou sobre as montanhas de Ararat. Nôach aguardou mais quarenta dias e abriu uma janela da arca. Queria descobrir se o clima era adequado para o homem e animais e se a água tinha baixado completamente. Decidiu mandar um pássaro para averiguar e escolheu o corvo. Talvez houvesse novamente grama ou folhas para alimentar os animais?

O corvo objetou a ser enviado. Reclamou a Nôach: "Seus mestres me odeiam, e você me odeia! Seu Mestre, *Hashem*, declarou que apenas dois animais impuros de cada espécie, das quais sou um, devem ser trazidos à arca, e não sete, como os animais puros. Você me odeia, portanto, como irei, arriscando-me a ser acometido pelo calor ou frio lá fora, e a não voltar? Se isto acontecer, o mundo perderia a espécie dos corvos!" O corvo acrescentou: "Sei o motivo de você me enviar! Está interessado em minha fêmea!"

Se tivéssemos ouvido a fala do corvo, nossos ouvidos captariam apenas um punhado de grasnidos. Mas Nôach compreendia a linguagem de cada criatura e sabia o que o corvo estava dizendo.

"Perverso!" respondeu Nôach. "Eu nem sequer me uni à minha própria esposa na arca, pois *Hashem* proibiu todas as espécies de viverem com seus pares durante a estadia na arca. Como, então, você suspeita que cometi um ato proibido!?" De fato, o corvo suspeitou de Nôach porque ele próprio era culpado de atos ilícitos. Nôach já conhecia o comportamento impróprio do corvo. Quando o chamou de perverso, Nôach pensou: "É exatamente por isso que o escolhi entre todos os pássaros para deixar a arca. Em primeiro lugar, és um perverso e transgrediste as instruções de *Hashem*. Portanto, não me importo em expor-te ao perigo e não tenho pena por ti como teria de outras aves. Em segundo lugar, sua parceira está prenhe, e mesmo se morreres, tua espécie sobreviverá".

Assim Nôach deu ouvidos à queixa do corvo e o expulsou da arca. O corvo, por sua vez, nunca cumpriu sua missão e se limitou a dar voltas ao redor da arca.

Nôach impediu-o de entrar novamente na arca, mas *Hashem* ordenou: "Admita-o." Chegará o dia em que sua espécie será vital para o mundo. Os corvos serão necessários no futuro para prover alimento ao Profeta Eliyáhu, durante uma época de seca. Voarão diariamente do palácio do Rei Yehoshafat para o Rio Krit e lhe fornecerão pão e carne da cozinha real. Nôach, então, autorizou o corvo a entrar novamente na arca.

Esperou mais sete dias e escolheu uma pomba para enviar. A pomba, ao contrário do corvo, é conhecida por sua pureza e fidelidade ao parceiro. Nôach tinha certeza que esta não o acusaria como fez o corvo.

Se a pomba encontrasse um ponto seco para pousar, Nôach saberia que a água finalmente havia desaparecido da superfície da terra. Mas o chão estava molhado demais para a pomba pousar e a ave regressou à arca. Nôach estendeu a mão fora da janela para apanhá-la.

Sete dias depois, mandou a pomba pela segunda vez. Nôach esperava que a terra estivesse seca. As horas se passaram e não havia sinal da pomba. Estaria o chão tão seco que ela havia encontrado um local para construir um ninho? Não mais voltaria para a arca? Perto do anoitecer, Nôach foi saudado por uma visão encorajadora: a pomba estava voltando para a arca com uma folha fresca de oliveira no bico.

Porque a pomba não escolheu uma folha de alguma outra planta mais saborosa que a folha amarga de uma oliveira? Ao trazer uma folha de oliveira, a pomba transmitiu a mensagem: "Prefiro receber minha comida da mão de *Hashem*, mesmo sendo amarga como a oliva, em vez de ser alimentado por ti dentro da arca com comidas tão doces como mel."

Isto serve de lição aos seres humanos, para optarem por uma vida mais simples, em vez de aceitar caridade.

Nôach esperou mais uma semana e enviou a pomba pela terceira vez. Desta feita, a terra estava suficientemente seca para a pomba nela se fixar permanentemente e a ave não voltou mais para a arca. Nôach sabia agora que a terra era novamente habitável.

Nôach continuava na arca. Pensou: "Assim como entrei na arca segundo permissão de *Hashem*, também devo esperar Sua permissão para sair."

Mais de um ano depois que Nôach entrou na arca, em 27 de *Cheshvan* de 1657, *Hashem* ordenou a Nôach e sua família: "Saíam da arca!"

Nôach oferece sacrifícios a *Hashem* e *Hashem* promete nunca mais enviar um dilúvio

Quando Nôach colocou o pé no solo, não reconheceu a terra que havia deixado, um ano antes. Viu-se rodeado por um deserto destituído de qualquer coisa. Nôach chorou: "Mestre do Universo, Você é denominado de Misericordioso. Deveria ter pena de Suas criaturas!"

"Pastor tolo!" respondeu-lhe *Hashem*. "Esta é a hora de falar? Antes do dilúvio anunciei que aniquilaria a raça humana, e você deveria ter implorado misericórdia. Porém ao saber que seria poupado, negligenciou o ato de implorar a Mim em prol de seus semelhantes. Como ousa abrir a boca agora perante Mim?"

Nôach percebeu pela resposta de *Hashem* que falhara e deveria fazer *teshuvá*. "Por que *Hashem* mandou-me levar sete pares de animais puros à arca, apesar de um par ter sido suficiente para a sobrevivência da raça? Certamente pretendia que eu sacrificasse o restante."

Nôach estava paramentado com os trajes celestiais que *Hashem* fizera a Adam, e que levava consigo para a arca. Vestindo estas preciosas vestes, ofereceu quatro sacrifícios de agradecimento no local do futuro Templo Sagrado, em Yerushaláyim.

"Mestre do Universo," rezou Nôach ao oferecer os sacrifícios, "jamais traga novamente um dilúvio ao mundo!"

Hashem aprovou o serviço de Nôach, que estabeleceu um exemplo para as futuras gerações, os fundadores do mundo, para adorar apenas a Ele.

"Eu nunca amaldiçoarei novamente a terra, o solo por causa do homem," respondeu *Hashem*, "Nem afligirei seres vivos como fiz. Juro a você que jamais haverá um segundo dilúvio sobre a terra!"

O sinal do arco-íris e a permissão de comer carne

Hashem acrescentou: "Como sinal de Minha promessa, vou lhes mostrar o seguinte: de tempos em tempos, o arco-íris aparecerá nas nuvens. Será o sinal de que Me lembro da promessa de não trazer outra inundaçãõ."

Por isso, sempre que vemos um arco-íris, pronunciamos a bênção: "*Baruch... zocher haberit veneeman bebrito vecayam bemaamarô.*"

"Abençoado és Tu, *Hashem*, nosso D'us, Rei do Universo, que lembras da promessa (de não destruir o mundo através de um dilúvio) e que és fiel ao Teu acordo e manténs Tua palavra."

Por que o arco-íris foi escolhido como o símbolo de paz entre *Hashem* e a humanidade?

Disse *Hashem*: “Quando trouxe o dilúvio, Minha abóbada foi atirada contra o homem. O arco se parece com uma tigela invertida, significando que não haverá mais ‘flechas do Céu’ enviadas para destruir a humanidade.”

Nôach e sua família eram os únicos seres humanos sobre uma terra devastada. Estavam assustados e tristes. Seriam capazes de construir um mundo novo?

Hashem também os abençoou prometendo:

“Não temam! Hei de multiplicar vocês, e novamente haverá muitas famílias sobre a Terra.

“Também não precisam ter medo de que animais selvagens os ataquem porque são poucos. Irei protegê-los.”

Hashem permitiu a Nôach e a todos os homens comer a carne de animais. Até aquela época, só era permitido às pessoas comerem vegetais e não carne.

Nôach merecia essa permissão, por direito, uma vez que preocupou-se com todos os animais da arca, que sobreviveram apenas devido aos seus cuidados.

Hashem impôs uma limitação à recém-concedida permissão de comer carne, ordenando não comerem um membro ou carne retirada de um animal vivo. Este mandamento constitui a sétima Lei de Nôach, ordenada a todos os seres humanos.

Ao mesmo tempo que permitiu a Nôach matar animais, *Hashem* advertiu-o a não derramar sangue humano.

Para impedir a recorrência da perversidade vigente antes do dilúvio, *Hashem* agora modificava as condições de vida da humanidade, fazendo a vida ser mais difícil e problemática.

A causa subjacente dos vícios era a vida despreocupada aproveitada pelas gerações anteriores, o que lhes permitiu viver bem sem jamais terem se voltado a *Hashem*.

Agora, depois do dilúvio, tudo mudaria, forçando as pessoas a se preocuparem e lembrarem de seu Criador, e clamarem a Ele por ajuda.

Nôach fica bêbado

Nôach passou o período antes do dilúvio a serviço de *Hashem*. Após deixar a arca, considerou que sua nova missão era cultivar a terra destruída, tornando-se agricultor. Esta mudança de profissão foi o primeiro passo para a degradação que culminou numa situação de desgraça, e na maldição sobre sua descendência.

Nôach levava mudas de vinha para a arca; em primeiro lugar, plantou uma parreira. Errou na escolha, pois deveria ter primeiro plantado trigo ou outro grão de importância vital para a sobrevivência da humanidade.

Quando as uvas ficaram maduras, espremeu-as e experimentou o vinho. Depois da primeira taça, Nôach verteu uma segunda, e uma terceira.

Nôach ficou bêbado e deitou no chão de sua tenda. Kenaan, neto de Nôach, entrou e viu o estado de Nôach.

Correu para fora e contou, rindo, para seu pai, Cham:

“Você sabia que o vovô está deitado no chão, bêbado? E está todo descoberto?”

O filho de Nôach, Cham, também riu e foi olhar o pai. Os outros dois irmãos, Shem e Yefet também ficaram sabendo do acontecido. Ambos os irmãos ficaram irados com a conduta de Cham. Shem disse:

“Vamos cobrir nosso pai.”

Trouxe uma cobertura e pediu que seu irmão Yefet o ajudasse a levar para a tenda de Nôach. Os dois viraram o rosto para não verem seu pai descoberto.

Quando Nôach acordou da bebedeira, amaldiçoou seu neto Kenaan com escravidão e abençoou Shem e Yefet, que souberam honrá-lo.

Nôach não amaldiçoou o próprio Cham, seu filho, e sim Kenaan, seu neto, pois *Hashem* havia abençoado Nôach e seus filhos. Como Cham tinha uma bênção Divina, a maldição de um ser humano não teria efeito.

Todos podem errar algumas vezes, até um pai. Porém, um filho deve honrar os pais e se portar sempre com respeito perante eles.

Prevendo que o povo judeu descenderia de Shem, Nôach abençoou-o: “Abençoado seja o D'us de Shem!” exclamou. Dirigindo-se a Yefet, abençoou-o de maneira profética: “Que *Hashem* aumente e expanda Yefet.”

Os três filhos de Nôach – Shem, Cham e Yefet – tiveram filhos e muitos netos. Shem foi ancestral de Avraham, antepassado do povo judeu.

Depois do dilúvio, Nôach ainda viveu para ver seus três filhos multiplicarem-se em setenta nações, e o mundo repovoado. Nôach estava vivo durante a geração da torre de Babel. Ainda conheceu Avraham, transmitindo-lhe informações e testemunho de primeira mão sobre o dilúvio.

A torre de Babel

Somente trezentos anos tinham se passado após o dilúvio quando as pessoas perversas decidiram novamente se revoltar contra *Hashem*.

O líder daquela geração era o Rei Nimrod, um monarca poderoso e forte. Em sua arrogância, afirmava ser um deus, porque queria dominar o mundo inteiro. Por isso, persuadiu as pessoas a não obedecerem a *Hashem*. Nimrod foi o primeiro a fazer uso da permissão de comer carne animal, que costumava caçar com lanças e flechas. Logo sua fama como inigualável caçador cujas armas jamais erravam o alvo se espalhou, e tornou-se o assunto da época. A verdadeira chave para seu sucesso nas caçadas, contudo, estava muito bem guardado de qualquer pessoa. Ao deixar a arca, Nôach trouxe, dentre suas posses muito bem preservadas, as preciosas roupas celestiais que *Hashem* fizera para Adam. Cham, filho de Nôach, roubou-as e as passou secretamente a seu filho Cush; que, por sua vez, deu-a ao mais amado de seus filhos, Nimrod. As vestes de Adam permitiam que o portador subjugasse qualquer animal. As feras caíam sempre que Nimrod, vestido com as roupas de Adam, sacava seu arco e flecha. Mas as pessoas de sua geração atribuíam tal sucesso à sua força e perícia.

Nimrod sugeriu:

“Vamos construir uma cidade onde viveremos todos juntos. No meio dela, ergueremos uma torre bem alta.” A idéia foi recebida com entusiasmo. A geração de Nimrod estava familiarizada com a história do dilúvio, e vivia com temor de que algo similar ocorresse. Portanto, queriam instalar-se juntos em local seguro. Encontraram um vale na terra de Babel, grande o suficiente para abrigar a todos.

Uma parte da população tinha em mente que: “No caso de outro dilúvio, subiremos ao topo da torre, e a água não nos alcançará.” Outro grupo dizia: “Faremos um nome para nós.” Pretendiam utilizar o topo da torre como local para adorar ídolos. Um terceiro grupo declarava: “Não é direito que apenas *Hashem* esteja de posse das esferas superiores, limitando nosso domínio ao mundo inferior. Colocaremos um ídolo no topo da torre, uma espada na mão, e mostraremos a *Hashem* que declaramos guerra contra Ele!”

Assim, os três grupos tinham em mente se rebelar contra *Hashem*. Porém, havia um segmento ainda pior, negando completamente a existência de *Hashem*. Tinham uma explicação racional para todo fenômeno do universo, e explicavam que o dilúvio, analisado cientificamente, era um fenômeno natural. Declararam: “Uma vez a cada 1656 anos (o período compreendido entre a Criação do mundo e o dilúvio) os céus estremecem, causando uma inundação. Para impedir os céus de “implodirem” novamente, devemos tomar precauções, construindo suportes no norte, sul e oeste. O primeiro pilar será esta torre a oeste, no vale de Babel!”

Apesar de o povo planejar construir uma cidade, nunca levaram a cabo seu plano; concentraram-se na torre. A torre era uma tremenda empreitada. Como não havia pedras em Babel, que era um vale, inventaram seu próprio material de construção, queimando cimento numa fornalha de tijolos, utilizando estes como pedras. A torre crescia e aumentava, e logo ficou tão alta que levava um ano para subir até o topo. Havia duas seções de escadas, uma a leste e uma a oeste. As escadarias do lado leste eram utilizadas para o tráfego ascendente, e as do lado oeste para descer. Tinham de fazer baldeações constantes para obter o material de construção. Ficaram tão fanáticos no afã de terminar a torre que se um tijolo caísse, soluçavam, dizendo: “Quão difícil será substituí-lo!” Todavia, se um homem caísse e morresse, ninguém sequer olharia para ele.

O fim da torre e a dispersão da geração

Hashem falou aos setenta anjos que ficam na Sua frente para servi-Lo:

“Vamos desfazer todos os planos deles! Vou dividir este povo fazendo com que falem línguas diferentes.”

Até então, todos os habitantes da Terra falavam hebraico.

Hashem desceu com Seus setenta anjos. Cada anjo fez um grupo de pessoas falar uma língua diferente.

A confusão que se formou foi incrível! Um homem disse a outro: “Dê-me um tijolo.”

Ao invés disso, o outro pegou um martelo e bateu-lhe na cabeça. Um mal-entendido levava a outro e logo reinava uma enorme confusão.

Os anjos de *Hashem* espalharam as pessoas pelo mundo inteiro. Esta geração é chamada de *dor hahafлага*, a geração da dispersão, porque foram dispersos por *Hashem*.

Qual foi o fim da torre?

O terço inferior foi engolido pela terra, o terço superior queimado, e a parte central ficou de pé sobre a terra. Para compreender e melhor dimensionar a gigantesca altura da torre, precisamos saber que mesmo a parte remanescente da destruição era tão alta que se alguém subisse, veria as palmeiras lá embaixo pequenas como gafanhotos, de tão minúsculas que pareceriam olhadas de cima.

Por que *Hashem* não destruiu esta geração perversa como exterminou a do dilúvio? As pessoas que construíram a torre de Babel agiram com paz e amizade; não havia discórdia entre elas como a geração do dilúvio. Isto era tão importante para *Hashem* que, apesar de terem se revoltado contra Ele, não as destruiu. Quão grande é a paz, e quão detestáveis são a luta e a discórdia!

O nascimento de Avram e seu reconhecimento de Hashem

Dez gerações depois de Nôach nasceu Avram.

A força e astúcia do rei Nimrod eram proverbiais. Era de conhecimento universal que seu braço, apontado ao coração de um veado, jamais errava o alvo. Ai daquele que ousasse duvidar de que Nimrod fosse um deus auto-criado! O carrasco estava sempre pronto do lado do trono. Um dia, os astrólogos de Nimrod aproximaram-se do trono e prostraram-se perante o rei.

“Sua Majestade”, anunciaram, “soubemos de um grande perigo ameaçando o trono. As estrelas previram que um bebê logo nascerá em seu reino. Negará sua divindade e o sobrepujará!”

Nimrod voltou-se aos ministros: “Que medidas preventivas vocês sugerem?”

A resposta brotou rápida: “Ordene que todo varão recém-nascido seja aniquilado!”

“Que ótimo conselho! Convoquem arquitetos, para que projetem casas especiais nas quais toda mulher com filhos será confinada. Devemos assegurar que apenas os bebês do sexo feminino sairão de lá com vida.”

Têrach, um dos homens mais honoráveis da corte, estava presente durante a discussão, e perguntou jocosamente: “Você não espera incluir minha esposa neste novo projeto, não é?”

“Não tema por sua casa, Têrach, você é o meu ministro mais confiável”, assegurou-lhe o rei. O cruel edito foi promulgado, e daí em diante todos os bebês varões foram assassinados. Mais de setecentos mil recém-nascidos foram mortos.

Certa manhã, os astrólogos de Nimrod requisitaram outra audiência. “O perigo ainda existe, Majestade! Observamos uma estrela sobre a casa de Têrach, brilhando em todas as direções do firmamento. Isto indica claramente o filho recém-nascido de Têrach, que irá conquistar seu reino!”

“Ordene a Têrach que entregue seu filho! Eu recompensarei sua perda com um tesouro em ouro e prata!”

Os mensageiros apressaram-se à casa de Têrach, exigindo a criança.

“Entregue seu filho, em nome de Nimrod!” ordenaram.

“Não entregarei meu filho!” respondeu ele.

“Em troca, o rei lhe ofereceu um tesouro em ouro e prata!”

Têrach riu zombeteiro: “Digam a seu mestre que disseram ao cavalo: ‘Cortaremos sua cabeça, e em troca você receberá uma carroça cheia de feno!’ ‘Tolos!’ respondeu o cavalo. ‘Se for decapitado, quem comerá o feno?’ Se matarem meu filho, quem herdará meu ouro e prata?”

Os mensageiros partiram, mas Têrach não relaxou. “Apreste-se”, ordenou à sua esposa Amtalai. “Embrulhe o bebê e esconda-o numa caverna bem longe de casa. Estou certo de que voltarão logo.”

Assim foi. Pouco depois, os delegados do rei bateram à porta novamente, mas Têrach estava preparado. Deu-lhes o filho de sua fiel servente, em vez do seu.

E qual foi o destino de seu pequeno filho Avram?

Cresceu numa caverna, longe do perverso mundo à sua volta.

Com sua mente fenomenal reconheceu seu Criador com a idade de três anos; chegando à essa conclusão através da observação e raciocínio. “Talvez eu devesse adorar a terra, pois sua produção é o que nos sustenta. Então, a terra não era tão poderosa, uma vez que dependia do céu para as chuvas. Deveria, então, curvar-me ao firmamento? O poder que governa o firmamento é, claramente, o sol, que mantém esse mundo vivo com seu calor e luz. O sol deve ser o poderoso deus que me criou, e ao universo à minha volta!”

Avram prostrou-se perante o sol. Porém, quando a noite caiu e este desapareceu, dando lugar à lua, Avram raciocinou que essa deveria ser divina. Contudo, abandonou este pensamento ao perceber que a lua brilhava apenas à noite. Finalmente, observando o ritmo regular do dia e da noite, das estações e leis da natureza, Avram inferiu a presença de um Criador sábio e onipotente. “Como é isto, que os corpos celestes se levantam e se põem em determinadas horas? Deve haver uma inteligência superior governando-os!

“Não O vi, mas posso compreender que apenas um D’us poderoso e misericordioso poderia criar as maravilhas do mundo, e apenas Sua inteligência superior seria capaz de mantê-las funcionando. A Ele me curvarei!”

Conforme o tempo passava e as previsões dos astrólogos não se realizavam, o rei revogou o decreto, e Avram pôde voltar para casa.

Avram protesta contra as crenças de sua época

O negócio de Têrach era a venda de ídolos, e o jovem Avram fez o melhor possível para convencer as pessoas a não comprá-los. Certa vez aconteceu de seu pai viajar e Avram ficou encarregado da loja. Instruiu o filho: “Quanto maior o deus, maior o preço que você precisa cobrar. Se entrar alguém importante, ofereça-lhe um ídolo grande; e dê um menor a um cliente menos importante.”

Um homem de ombros largos e aparência impressionante entrou. “Dê-me um ídolo grande, como exige meu status!” declarou pomposamente a Avram. Este entregou-lhe o maior ídolo que pôde encontrar nas prateleiras, e o homem depositou sobre o balcão uma quantia substancial.

“Quantos anos você tem?” perguntou-lhe Avram.

“Tenho cinquenta anos.”

“E não tem vergonha de adorar um ídolo com apenas um dia?” perguntou-lhe Avram. “Meu pai fez este aqui apenas ontem!” Confuso, o homem pegou o dinheiro de volta e foi embora.

Uma idosa entrou. Disse a Avram que ladrões invadiram sua casa na noite anterior e roubaram seus deuses.

“É assim?” Se seus deuses não conseguem proteger a si mesmos de ladrões, como espera que protejam a senhora?” “Você tem razão,” admitiu, “mas a quem devemos servir?”

“O Criador do céu e da terra, que fez a mim e a senhora”, respondeu.

A mulher saiu sem comprar nenhum ídolo.

Em outro episódio, Têrach deu a Avram um saco cheio de ídolos e lhe disse: “Vá e venda-os no mercado”.

Avram levou consigo um martelo. Quando um cliente se aproximava e lhe pedia um ídolo, Avram batia na cabeça do ídolo com o martelo.

“Você quer ficar com este?” perguntava para o cliente.

Em seguida, dava um golpe na cabeça do próximo: “Ou prefere este?” perguntava.

Quando as pessoas viam que os ídolos ficavam imóveis mesmo golpeados na cabeça, desistiam da compra.

Certa vez Têrach viajou. Avram pediu para sua mãe: “Por favor, sacrifique uma ovelha e prepare uma comida saborosa. Quero oferecê-la aos deuses do meu pai para que se sintam agradecidos.”

A mãe preparou uma comida deliciosa e Avram colocou-a na frente dos deuses.

“Comam”, lhes disse. Mas nenhum dos deuses provou a comida.

Avram riu. “Talvez não gostem deste prato”, disse aos deuses, “ou pensam que eu não trouxe comida suficiente. Amanhã lhes servirei algo melhor.”

No dia seguinte disse à mãe: “Os deuses não gostaram da comida de ontem. Por favor prepare uma refeição mais farta e melhor hoje!”

Sua mãe assim o fez. Avram pôs uma comida farta e deliciosa perante os deuses.

“Tomem”, disse-lhes. Sentou-se próximo aos deuses para observar se comiam, e assim ficou o dia todo. Nenhum dos ídolos se mexeu.

Nesta noite Avram estava furioso. “Ai do meu pai e toda esta geração”, exclamou. “Servem a ídolos que não podem caminhar, nem mexer-se, nem escutar, nem enxergar ou cheirar.”

Avram pegou o machado do pai e destruiu todos os ídolos, com exceção do maior.

Neste momento, Têrach regressava de sua viagem. Escutou os golpes do machado e o barulho de madeira e metal sendo destruídos.

“O que será isto?” exclamou. “Parece vir da sala do templo.”

Correu para dentro. Avram acabava de terminar sua obra de destruição. Deixara apenas o ídolo maior, e havia colocado o machado em seus braços.

“Por que destruíste meus deuses?” gritou Têrach.

“Não fui eu”, respondeu Avram. “Brigaram pela comida e o maior pegou o machado e quebrou os outros.”

“Mentiroso!” replicou Têrach. “Não podem quebrar uns aos outros! Nem sequer podem se movimentar!”

“Pai”, disse Avram. “Então por que os serve? Por que deposita sua confiança nestes ídolos? Podem te salvar do perigo? Podem ouvir suas preces?”

“Estás cometendo um grande erro, pai, em adorar estas imagens. Tu e os outros se esqueceram de *Hashem* que criou o Céu e a Terra. Nossos antepassados também se esqueceram de *Hashem* e por isso Ele mandou o dilúvio. Por que então você deixa novamente *Hashem* aborrecido?”

Rapidamente, Avram pegou o machado, despedaçou o último e maior ídolo e saiu correndo da casa.

Têrach estava furioso. Ele era um súdito leal do rei e a conduta de Avram não podia ser ignorada. Têrach foi ao palácio do Rei Nimrod e disse ao rei:

“Deves julgar meu filho por se revoltar contra os deuses.”

Avram é levado à presença do Rei Nimrod e posto na prisão

Nimrod mandou seus soldados para prender Avram e levá-lo ao palácio.

Nimrod perguntou a Avram, com severidade:

“Por que você quebrou os ídolos do seu pai?”

“Não fui eu”, respondeu Avram. “O maior quebrou os demais.”

“Vamos”, repreendeu Nimrod. “Você realmente pensa que vou acreditar em tais histórias? Sei que os deuses não podem se quebrar uns aos outros; eles não se mexem.”

Avram censurou Nimrod na frente de todos seus servos:

“Então por que os adora? Por que não serves a D'us que governa o mundo, que te criou, que vai fazê-lo morrer e que pode ressuscitá-lo? Ai de ti, rei perverso e bobo! Deverias mostrar o caminho certo para todos. Em vez disso, tu e teus servos fazem com que as pessoas pequem.”

"Não sabes que por causa de pecados como os seus, *Hashem* mandou o dilúvio a nossos antepassados? Se continuares servindo aos deuses, tu e teus seguidores morrerão em desgraça. D'us os castigará."

"Chega!" gritou Nimrod. "Para a prisão com ele!"

Avram foi lançado na prisão e mantido lá por dez anos.

Avram é jogado numa fornalha – o primeiro dos dez testes pelos quais passou

Depois de dez anos difíceis, Avram foi novamente levado à presença de Nimrod, que ainda esperava convencê-lo a se curvar aos ídolos.

"Só me curvo perante o Criador do Mundo", respondeu Avram.

"Eu sou o criador!" afirmou Nimrod com orgulho.

"Podes ordenar ao sol para nascer a oeste e se pôr a leste?" perguntou Avram. "Então acreditarei que és o Criador."

Nimrod se virou para os sábios e para os príncipes à sua volta.

"Que castigo merece este homem?" ele perguntou. "Julguem-no."

Todos responderam:

"O homem que despreza o rei e seus deuses deve ser queimado."

Para tal, foi preparada uma enorme fornalha na cidade de Ur Casdim. Com grande júbilo, os oficiais do rei a esquentaram durante três dias e três noites. Quando a notícia de que um traidor seria queimado espalhou-se, o povo aglomerou-se. Mulheres e crianças subiram aos telhados para testemunharem o espetáculo. Amtalai, mãe de Avram, avançou para beijar o filho.

"Curve-se apenas uma vez para Nimrod, meu filho," implorou-lhe, "e será salvo das chamas."

"Jamais deixarei *Hashem*, mãe!"

Representantes de todas as nações estavam presentes. Gritavam a Avram: "Esta é sua última chance! De que lado você está?"

"Estou do lado de *Hashem*, Mestre do Universo!"

Avram foi agarrado e jogado nas chamas.

O anjo Gavriel voou até *Hashem* e implorou: "Deixe-me extinguir as chamas e salvar o *tsadic* da fornalha!"

Hashem respondeu: "Não há ninguém no céu como Eu, e não há ninguém como Avram na terra. Eu Mesmo descerei para salvá-lo do fogo!"

Hashem falou para os anjos:

"Avram foi fiel a Mim. Eu Mesmo vou salvá-lo."

Hashem então ordenou que as chamas não causassem mal algum ao Seu precioso Avram, mas que apenas devorassem as cordas que o amarravam.

Para a multidão que observava, tudo parecia correr conforme o planejado. As chamas da fornalha subiam ao céu. Era um fim apropriado para um traidor, murmurava o povo; logo, nada sobraria dele.

A multidão se dispersou, mas os servos de Nimrod ficaram perto da fornalha até que as chamas terminassem seu trabalho. De repente, soltaram uma exclamação de surpresa. Os olhos se arregalaram. Os queixos caíram de espanto. Pois Avram estava milagrosamente vivo dentro da fornalha, caminhando lá dentro! As chamas haviam queimado apenas as cordas que o amarravam, mas não chamuscaram suas roupas ou seu corpo.

Agitados, os servos correram para informar o milagre ao Rei Nimrod. No começo, Nimrod não acreditou no que estava ouvindo, mas quando os servos confirmaram, Nimrod foi pessoalmente olhar dentro da fornalha.

Era verdade! Avram estava andando lá dentro como se passeasse num jardim!

"Saia, Avram", chamou Nimrod, com voz trêmula. "Prometo que não farei nenhum mal a você."

Avram saiu da fornalha são e salvo.

Tremendo, Nimrod e os servos se inclinaram para Avram. Estavam convencidos de que ele era um deus!

"Foi *Hashem*, o Criador do mundo quem me salvou!" explicou-lhes Avram. "Curvem-se perante Ele!"

Nem todos os presentes se convenceram das palavras de Avram. Havia os que murmuravam: "Avram foi salvo por magia! Seu irmão mais novo, Haran, é um grande feiticeiro. Deve ter lançado um feitiço no fogo, de modo que este não queimasse Avram."

Haran testemunhou todo o processo, e estava atormentado por dúvidas – deveria unir-se ao irmão mais velho ou professar a crença em Nimrod? Decidiu esperar até que o destino de Avram fosse resolvido, e só então declarar sua posição. Pensou: "Se Avram estiver a salvo, direi que pertenço ao lado de Avram; se morrer, direi que estou do lado de Nimrod!"

Quando Avram saiu vivo da fornalha, perguntaram a Haran: "De que lado você está?"

"Também acredito no D'us de Avram!" exclamou Haran. Foi agarrado pelos servos de Nimrod e atirado à fornalha. Porém não lhe aconteceu milagre algum, e foi consumido pelas chamas vorazes.

Agora ficara evidente que não fora mágica que salvara Avram. O *kidush Hashem* (santificação do Nome de *Hashem*) estava completo.

Avram pavimentou o caminho para os judeus de todas as gerações, que sacrificaram suas vidas para santificar o Nome de *Hashem*. De onde mais teriam incontáveis judeus – muitos deles “simples” judeus – derivado a força de caráter para suportar heroicamente o martírio em nome de *Hashem*? Há uma potencialidade na alma de cada judeu, uma qualidade adquirida por Avram, nosso Patriarca, na fornalha de Ur Casdim, que foi passada e transmitida como um legado a todos os seus descendentes.

Têrach, Avram e suas famílias mudam-se para Charan

Apesar de Avram ter sido salvo diante dos olhos de Nimrod, Têrach percebeu que o perigo ainda não havia passado. O perverso Nimrod poderia querer matar Avram outra vez. E quem sabe se D'us faria outro milagre? “Vamos deixar esta terra”, aconselhou Têrach a Avram. “Iremos para Kenaan onde Nimrod não governa.”

Por que Têrach, de repente, achava que seu filho Avram deveria se pôr a salvo do Rei Nimrod? Não havia sido o próprio Têrach que pediu ao rei que castigasse Avram porque ele não acreditava nos ídolos?

Mas, após presenciar o grande milagre que aconteceu a Avram, Têrach mudou de idéia. Começou a acreditar que *Hashem* era o Mestre do Mundo. E muitos anos depois, antes de morrer, Têrach abandonou definitivamente a adoração aos ídolos e fez completa *teshuvá*.

Avram concordou com a sugestão do pai de se mudar para a terra de Kenaan.

Têrach, Avram e suas famílias partiram para Kenaan. No caminho, passaram por um lugar chamado Charan.

Têrach viu que lá estariam a salvo, pois Charan estava fora dos domínios de Nimrod. Por isso Têrach decidiu:

“Vamos ficar aqui!”